

CRÔNICAS DE PAIXÃO, HUMILDADE E MORTE

Mônica Gomes da Silva (UFF)
monicagomessilva@yahoo.com.br

O crescimento dos grandes aglomerados urbanos da América Latina ocorre, principalmente, entre o fim do século XIX e o início do século XX. Na literatura do período, a crônica é um dos gêneros que registra as tensões e desencontros provenientes do crescimento citadino desmesurado e desordenado que caracterizou a modernização das cidades latino-americanas. Em sua função precípua de captar os momentos cotidianos através das páginas dos jornais, o gênero assinala, tanto na forma quanto no conteúdo, a efemeridade da vida moderna, seja nas paisagens ou relações humanas. Neste trabalho, buscamos identificar os traços de similaridade de dois cronistas latino-americanos, no que diz respeito ao olhar para a cidade: o brasileiro Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho (1886-1968) e o argentino Roberto Godofredo Christophersen Arlt (1900-1942). Ambos se detiveram nos aspectos humildes da cidade e os personagens marginalizados no processo de modernização urbana, muitos integrando uma babélica composição populacional – no caso do cronista argentino – outros manifestando o incômodo do cidadão proveniente do campo diante da cidade cosmopolita e desigual, presente nas crônicas de Manuel Bandeira. A expressão da empatia pelos derrotados no jogo social se conjuga a uma linguagem considerada impura, transmitindo a vibração dos becos e vielas do Rio de Janeiro e das ruas de Buenos Aires. Longe de incorrer numa pieguice literária ou em uma literatura panfletária em defesa dos desfavorecidos, o que observamos nos dois cronistas é uma visão humana e solidária aos problemas que atingem a população abandonada à própria sorte. As crônicas expressam um senso de sublime que elevam a categoria desses sujeitos, construindo uma “metafísica do ínfimo”, sem que isto signifique evasão da realidade, mas a construção da poeticidade de um cotidiano amargo, mas também belo.